

O tinteiro, o piano e o tabuleiro: a amizade de Arthur Napoleão e Machado de Assis

Alexandre Raicevich de Medeiros*

O pianista e compositor português, Arthur Napoleão dos Santos (06 de março de 1843 - 12 de maio de 1925) nasceu na cidade do Porto, e foi revelado pelo pai, o napolitano Alexandre Napoleão, como um prodígio musical. Após algumas apresentações na sua cidade natal, foi levado a Lisboa onde teve o talento reconhecido pela elite local. Em 1852, deixou Portugal e passou a apresentar-se em diversos palcos da Europa e Américas, incluindo o Brasil, que visitou por três vezes 1857, 1862 e 1866, até se fixar definitivamente em 1868 na cidade do Rio de Janeiro, onde tornou-se, além de pianista e compositor, um atuante homem de negócios do campo das artes. Durante essas viagens a trajetória artística de Arthur Napoleão se entrecruzou com a dos principais artistas do período, cuja música costumava ser apreciada nos salões frequentados por membros da aristocracia e da burguesia em ascensão. Esses espaços eram muito desejados pelos Napoleão, principalmente pelos possíveis favorecimentos resultantes das talentosas apresentações, que podiam variar desde algum recurso financeiro, até uma melhoria no *status* social do músico e de seus familiares.

Ao estabelecer-se no Rio de Janeiro, Arthur Napoleão tomou as rédeas de sua carreira, e decidiu investir no campo dos negócios ligados a música, não abandonando entretanto sua carreira de pianista. Um ano após sua chegada ao Brasil se associou a Narciso José Pinto Braga, um editor de partituras, e fundou a *Narciso, Arthur Napoleão & Cia*, uma nova casa de edição, publicação e comercialização de partituras.¹ Em 1878, Narciso deixou a firma, e Arthur Napoleão se associou ao jovem e talentoso violinista Leopoldo

Miguez (1850-1902) fundando a *Casa Arthur Napoleão & Miguez*, situada à rua do Ouvidor 89.ⁱⁱ

A firma, além de manter o trabalho de edição de partituras, passou a comportar um pequeno salão destinado a pequenas apresentações de música de câmara e concertos solo, abertas a um público não muito diferente do frequentador dos grandes clubes e das sociedades musicais cariocas do período.ⁱⁱⁱ Pelo palco da *Casa Arthur Napoleão & Miguez* passaram diversas atrações, tanto nacionais quanto internacionais, o que pode comprovar a ocorrência de uma circularidade constante de músicos. Dentre os instrumentistas internacionais podemos citar o violinista português Francisco Pereira da Silva Costa (1847-1890),^{iv} o violoncelista português Frederico do Nascimento (1852-1924),^v e o violinista cubano José White (1836-1918), que viveu no Brasil entre 1879 e 1889. Ainda em relação ao público que frequentava a sociedade podemos destacar que o concerto de José White em 30 de dezembro de 1879, no salão da *Casa Arthur Napoleão & Miguez*, reuniu “Um núcleo de distinctíssimas senhoras, ministros d'estado, músicos notáveis, e outras pessoas gradas”.^{vi} O virtuose da flauta e filho de escravos Viriato Figueira da Silva (1851-1883),^{vii} e o então, jovem e talentoso pianista Ernesto Nazareth (1863-1934)^{viii} foram alguns dos artistas nacionais que se apresentaram no salão da *Casa Arthur Napoleão & Miguez*.

Em relação a tarefa primordial do estabelecimento, a edição de partituras, a *Casa Arthur Napoleão & Miguez* editou a primeira peça de Ernesto Nazareth, a polca-lundu *Você bem sabe*, em 1877, que o compositor dedicou ao seu pai, contando com um anúncio publicado no *Jornal do Commercio*: “Sahio a luz : Você bem sabe, linda polca para piano, composição do distinto pianista Ernesto Júlio Nazareth, acha-se a venda unicamente em casa de Arthur Napoleão & Miguez – 89 Rua do Ouvidor 89”.^{ix} A pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935) também teve diversas composições editadas pela firma de Arthur Napoleão, dentre as quais a balada *Manhã de Amor*

(ca. 1881),^x e a valsa *Carlos Gomes* (ca. 1880),^{xi} escrita em homenagem ao maestro e compositor brasileiro.

Arthur Napoleão e seu pai desembarcaram no Brasil pela segunda vez em agosto de 1862, na busca de espaços para novos concertos que, como de costume, contaram sempre com lotação esgotada. Logo após sua chegada, Arthur Napoleão foi homenageado por um artigo publicado no periódico *O Futuro* (1862-1863), em 15 de setembro de 1862, assinado por Machado de Assis, no qual o escritor destacou a chegada do jovem pianista português ao Brasil, recordando o sucesso obtido por Arthur durante sua primeira visita ao Brasil, em 1857. No referido artigo, Machado de Assis não poupou elogios ao talento musical de Arthur, comparando-o ao jovem Mozart, que também teve sua carreira tutelada pelo pai Leopold Mozart, cerca de cem anos antes.

(...) Fallemos agora de Arthur Napoleão que acaba de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1857, aquele prodigioso menino inspirou verdadeiro entusiasmo nesta corte onde acabava de chegar cercado pela auréola de uma reputação. Creança ainda, o prestígio dos tenros anos dava ao seu talento realce maior. (...) Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na glória e no talento: de cidade em cidade, a sua viagem foi um triunfo não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delícias de Capua; estudou viajando e buscou pelo estudo a perfeição.^{xii}

A referência de Machado de Assis a primeira estada do pianista português no Rio de Janeiro nos faz supor que tenha sido durante esse período que Arthur Napoleão e o escritor tenham se conhecido, e travado os primeiros laços de amizade.

O texto das *Memórias* de Arthur Napoleão, publicado no periódico *Correio da Manhã* entre 04 de setembro de 1925^{xiii} e 07 de fevereiro de 1926,^{xiv} descreve ainda um sarau ocorrido na residência do contador, filólogo e bibliotecário do *Gabinete Português de Leitura*,

Manuel da Silva Melo Guimarães (1834-1884), na rua da Quitanda número 06, em 22 de novembro de 1862. O encontro cultural contou com a presença de importantes figuras do universo sociocultural carioca do período. Como de costume o evento foi dividido em partes, na primeira foi representada uma comédia em um ato de autoria de Machado de Assis, intitulada *Quase Ministro*. Machado de Assis ressalta nas notas preliminares do seu texto, que essa comédia foi “expressamente escrita para ser representada em um sarau literário e artístico”, os papéis da peça foram distribuídos entre os senhores Moraes Tavares, Manoel de Mello, Ernesto Cybrão, Bento Marques, Joaquim Insley Pacheco, Muniz Barreto, Carlos Schramm e Arthur Napoleão.^{xv}

Na sua terceira visita ao Brasil, Arthur Napoleão compôs o fundo musical para uma peça do ator português Furtado Coelho (1831-1900), que residia no Rio de Janeiro, intitulada *Remorso Vivo*, com texto de Machado de Assis, do jornalista Joaquim Serra (1838-1888) e do próprio Furtado Coelho. Na instrumentação Arthur Napoleão contou com a ajuda do trompetista e regente Henrique Alves de Mesquita (1830-1906). *Remorso Vivo* foi representado pela primeira vez no *Theatro Gymnasio*, em 21 de janeiro de 1867.^{xvi} O espetáculo dentro do âmbito do teatro musicado apresentava componentes rítmicos e melódicos comuns das modinhas e romances do final do século XIX.^{xvii}

Enfim, Machado de Assis e Arthur Napoleão teriam a consagração de seus laços de amizade alguns anos depois, quando o acaso voltou a coloca-los frente à frente. Esse reencontro deu-se por motivo da chegada da senhorita Carolina Augusta Xavier de Novaes (1820-1904) a cidade do Rio de Janeiro. A jovem Carolina que mais tarde se tornaria a esposa Machado de Assis, deixou a cidade do Porto, com o intuito de cuidar do seu irmão, o jornalista, poeta e escritor português Faustino Xavier de Novaes (1820-1869), que residia no Brasil desde 1858, e que nesse momento encontrava-se hospedado na residência da senhora Rita de Cássia Calasans

Rodrigues, filha dos Barões de Taquary, por estar sofrendo das faculdades mentais.^{xviii}

Quanto ao acaso, a família de Arthur Napoleão mantinha uma antiga relação de amizade com a família Novaes, que pode ser comprovada por uma poesia escrita por Faustino, em 09 de dezembro de 1862, dedicada a Arthur Napoleão, e publicada no periódico *O Futuro*.^{xix} Nada mais simples do que os Novaes contarem com a ajuda do velho amigo pianista, solicitando que Arthur Napoleão acompanhasse Carolina Novaes na sua primeira viagem ao Brasil. Assim, desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1868, trazidos pelo navio francês *Estreamadure*, Carolina Augusta Xavier de Novaes, e Arthur Napoleão, o qual chegava ao Brasil pela quarta vez.^{xx} Nessa ocasião, Machado de Assis foi apresentado por Faustino Xavier de Novaes, àquela que seria sua companheira de toda a vida, e naquele momento teve o prazer de reencontrar-se com o amigo Arthur Napoleão. Em 12 de novembro de 1869, Carolina Augusta Xavier de Novaes casou-se com o escritor Machado de Assis, e Arthur Napoleão foi convidado para ser padrinho do enlace matrimonial.^{xxi}

Alguns anos mais tarde, o pianista Arthur Napoleão e Machado de Assis encontraram na prática do enxadrismo mais um laço de fortalecimento de suas relações pessoais. Desde sua saída de Portugal em 1852, até sua estabilização definitiva no Brasil em 1868, a trajetória de Arthur Napoleão foi baseada em horas de estudo sob a severa supervisão do pai, longos períodos de isolamento a bordo dos navios que entrecruzavam oceanos, distribuição de cartas de apresentação, concertos, e por fim, o êxito profissional. Todo esse processo, apesar de estar voltado para o sustento da família Napoleão, e para a conseqüente consagração de Arthur, talvez não fosse ideal para o desenvolvimento de uma criança, que segundo o próprio pianista, achava-se muitas vezes saturado por acordes, letras e algarismos.^{xxii}

A solução imediata foi encontrar atividades que pudessem distrair, mesmo que sumariamente, a alma infantil, evitando problemas que pudessem eclodir na vida adulta do pianista. Entretanto, por serem muito limitados os espaços de tempo livre na cansativa rotina do musicista, nos únicos momentos distantes das “atividades profissionais”, restava ao pequeno Arthur Napoleão envolver-se nas atividades dos adultos, que costumavam se divertir com jogos, geralmente após as apresentações musicais e literárias, que aconteciam na cidade do Porto, entre 1840 e 1850. Ao circular nesse universo, o menino Arthur, ávido por novidades, descreve ter desenvolvido de imediato a paixão pelo jogo de xadrez, que foi incentivada pelo pai, por parecer uma distração eficiente, e incapaz de atrapalhar a carreira do seu prodígio infantil. Desde então, a vida de Arthur Napoleão passou a contar com lições de piano, ensaios, concertos, e a companhia do tabuleiro de xadrez.

Após encontrar-se estabilizado no Brasil, Arthur Napoleão decidiu retomar sua ligação com a prática do enxadrismo, organizando, em 1880, um torneio em sua residência que contou com a presença dos enxadristas Carlos Pradez, Caldas Vianna, Machado de Assis, Navarro de Andrade, Joaquim Palhares.

Torneio de Xadrez.

Está-se effectuando actualmente um torneio de xadrez entre seis dos melhores amadores d' esta Côrte. Cada um tem a jogar 4 partidas com o outro e no resultado final, será considerado vencedor. A situação dos jogadores, n' esta data é a seguinte: Sr. Machado d' Assis, 6; Arthur Napoleão, 5 ½; C. Vianna, 4 ½; Prades, 4; Navarro, 1; Dr. Palhares, 1. Conforme os regulamentos hoje instituídos em toda a parte, as partidas empatadas contam meia partida a cada jogador.^{xxiii}

Ao término do torneio Arthur Napoleão saiu vencedor, sendo seguido por Caldas Vianna, e por Carlos Pradez, no segundo e terceiro lugar respectivamente. Segundo o próprio Arthur Napoleão, esse torneio despertou o interesse da sociedade carioca pelo jogo, e

consequentemente estimulou a organização de outros embates na cidade do Rio de Janeiro.^{xxiv}

Em relação a Machado de Assis, acreditamos que o desejo em aprofundar seus conhecimentos na prática do enxadrismo pode ter se iniciado entre os anos de 1862 e 1865, por incentivo do amigo Arthur Napoleão, que visitava o Brasil pela segunda vez nesse período. A prática do jogo faz parte de alguns contos do escritor como, *Questão de Vaidade* (1864), *Astúcias do Marido* (1886), *História de uma Lágrima* (1867), *Ruy de Leão* (1872), *Qual dos dois* (1872), *Antes que cases* (1875); do romance *Iaiá Garcia* (1878), e da novela *A cartomante* (1884). O escritor ainda chegou a frequentar algumas das mais importantes agremiações de xadrez, espalhadas pela cidade, e o pianista costumava discutir com o amigo questões sobre o jogo.^{xxv}

Rio de Janeiro, 25 de dezembro de [...]

Meu caro Machado. Eu creio ter-te dito ontem que te dava o problema como muito bonito e difícil; tão difícil que não julgo que terei quem o possa resolver. Quando li, pois, o teu cartão não julguei por um momento que em 12 horas o tivesses resolvido! Há mil jogadas neste problema que parecem ser as verdadeiras e afinal não são. Tu envias-te-me: 1. B. 2 R 1. D. 3 R 2. D. 8 CD 2. Aqui se eu tivesse a condescendência de jogar como tu indicas eu estaria mate em 4, mas eu prefiro responder com 2. D. 4 B. Parece-me suficiente indicação. Desculpa, e trabalha de novo, fica certo de que se resolveres o problema eu te considero um grande homem na matéria. Em compensação, quando quiseres eu te mando a solução, que te há de deixar boquiaberto!!... Mais nada.
Teu amigo certo, A. Napoleão.^{xxvi}

Em 1898, Arthur Napoleão escreveu um livro sobre o jogo de xadrez, que foi publicado pela *Typographia do Jornal do Commercio de Rodriguez & C.* e recebeu o título de *Caissana Brasileira*.^{xxvii} O título do livro, *Caissana Brasileira*, foi inspirado na história de Caíssa, ninfa da mitologia grega, considerada a deusa do xadrez.^{xxviii}

A *Caissana Brasileira* de Arthur Napoleão se encarregava de apresentar, pela primeira vez em língua portuguesa, um trabalho sério sobre o enxadrismo. O livro continha um breve panorama histórico do xadrez, incluindo seu código de regras baseado numa bibliografia consistente, e uma série de anotações sobre a prática do jogo, capaz de esclarecer dúvidas até mesmo dos mais experientes enxadristas. Além de reunir cerca de quinhentos problemas de autores brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, apresentando suas soluções, e listar os torneios de xadrez, realizados no Rio de Janeiro desde a chegada de Arthur Napoleão na cidade, em 1868, até a data da publicação do livro. O nome de Machado de Assis é citado no livro como autor de um problema em dois lances.^{xxix}

Consideramos ainda que certas passagens da relação de amizade e admiração entre o pianista e o escritor possam ter inspirado Machado de Assis na sua trajetória literária, a qual vem nos oferecer quase que um “relatório sociológico e histórico” em seus contos, que se desdobram numa rede complexa de dinâmicas coerentes com o que se tem estudado sobre o universo sócio-cultural do Rio de Janeiro do século XIX.

Especificamente, identificamos semelhanças entre a história apresentada no conto de Machado de Assis *Um Homem Célebre*, publicado em 1888, no periódico *Gazeta de Notícias*,^{xxx} e algumas passagens da trajetória do pianista portuense, descritas na sua autobiografia.

Entre 1858 e 1860, Arthur Napoleão e o pai estiveram nos Estados Unidos da América, sempre em busca de oportunidades de apresentações, sendo que nesse período o jovem pianista começava a ensaiar seus primeiros passos como um adolescente que desejava encontrar o espaço necessário para as suas próprias realizações, mesmo que para isso fosse preciso contrariar as ordens de seu pai. Assim, ao circular por Nova Iorque mantendo a programação de concertos organizada por Alexandre Napoleão, Arthur também

procurou encontrar-se com os mais importantes enxadristas da cidade, como Sam Loyd (1841-1911), Miron James Hazeltine (1824-1907), Charles Henri Stanley (1819-1901) e Theodor Lichtenhein (1829-1874), e Paul Morphy (1837-1884), tendo inclusive a oportunidade de visitar o *New York Chess Club*, e disputar algumas partidas com esses grandes jogadores. Ainda em Nova Iorque, Arthur Napoleão compôs e comercializou algumas polcas e valsas, se utilizando de um pseudônimo, em troca de poucos dólares pagos por editores norte-americanos, que eram destinados a propiciar a sua tão almejada independência financeira.

O conto de Machado de Assis narra a história de um pianista chamado Pestana, que tentava a todo o custo tornar-se um compositor erudito. Na sua residência, Pestana vivia em companhia de um preto velho, e mantinha seu piano cercado de retratos gravados ou litografados de músicos europeus, como Beethoven, Chopin, Mozart, Gluck, que contrastavam com uma tela a óleo na qual destacava-se o rosto de um padre que além compositor de motetes, e responsável pela educação de Pestana, seria supostamente o pai do personagem. Entretanto, mesmo com muito esforço e dedicação, Pestana não conseguia deixar de ser um excelente compositor de “polcas buliçosas e ligeiras”, cujo nome era protegido por um pseudônimo. Suas composições quando publicadas se esgotavam logo, garantindo a renda do pianista e passando a fazer parte do repertório da maioria dos músicos populares do período. No conto, o personagem machadiano ainda se enamora de uma jovem que conhecera numa festa de São Francisco de Paula, e que poderia ter sido a maior fonte de inspiração para suas peças, se não tivesse falecido de tuberculose, para aumentar a sua tristeza. Machado de Assis encerra sua narrativa descrevendo a frustração do compositor, que morre sem conseguir entrar no tão desejado campo da música erudita.

Reconhecendo que a literatura pode servir como instrumento

avaliador dos níveis de tensão existentes no interior de determinada estrutura social, tanto trazendo à tona os planos que não se concretizaram, como se vinculando a agrupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos,^{xxxi} e devido aos seus temas, valores e motivos serem sugeridos pelo ambiente social que envolve a sua produção.^{xxxii} Concluimos que certos pontos destacados no conto machadiano “*Um Homem Célebre*”, podem produzir efeitos de correlação sugestiva com a realidade, e que a trajetória do personagem Pestana possa ter se baseado numa trajetória específica, como a de Arthur Napoleão, supostamente relatada ao escritor pelo próprio pianista durante os seus anos de franca amizade.

Assim, ao resgatarmos esse pequeno fragmento literário de Machado de Assis, e a sua relação com o pianista Arthur Napoleão, reconhecemos que esse entrecruzamento de trajetórias muito contribuiu tanto para produções de campos específicos como o da música e da literatura, quanto para de outros mais distantes como o do teatro, e que essas produções vieram enriquecer profundamente o universo cultural da sociedade carioca no fim do século XIX.

Notas e referências

* Doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), orientado pelo Professor Doutor Orlando de Barros.

Contato: alexandre.raicevich@ig.com.br

i NAPOLEÃO, Arthur. *Memórias*, 1907, p. 145.

ii *Ibid.*, p. 191.

iii *Revista Musical e de Bellas Artes*, ano II, número 1, em 03 de janeiro de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

iv Nascido na cidade do Porto, Francisco Pereira da Silva Costa foi aluno de Alard no Conservatório de Paris, chegando do Rio de Janeiro em 1871 onde atuou como instrumentista e professor.

- v Nascido em Setúbal chegou ao Rio de Janeiro em 1880. Sendo indicado em 1890, para a cadeira de professor no Instituto Nacional de Música, tendo Heitor Villa-Lobos como um de seus alunos.
- vi *Revista Musical e de Bellas Artes*, ano II, número 1, em 03 de janeiro de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- vii *Ibid.*, ano I, número 20, em 17 de maio de 1879. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- viii *Ibid.*, ano II, número 6, em 13 de março de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- ix *Jornal do Commercio*, 25 de dezembro de 1878. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- x *Revista Musical e de Bellas Artes*, ano II, número 14, em 26 de junho de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xi *Ibid.*, ano II, número 17, em 17 de julho de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xii *O Futuro. Chronica* por Machado de Assis, 15 de setembro de 1862. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xiii *Correio da Manhã*, 04 de setembro de 1925. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xiv *Ibid.*, 07 de fevereiro de 1926. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xv NAPOLEÃO, *op. cit.*, 1907, pp. 96-97.
- xvi *Jornal do Commercio*, 21 de janeiro de 1867. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xvii FREIRE, Vanda L. B. A Mágica. In : II Simpósio Latino-Americano de Musicologia, 1999. Curitiba. *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Musicologia*. Curitiba, 1999.
- xviii *Ibid.*, pp. 142-143.
- xix *O Futuro*, 01 de janeiro de 1863. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xx VIANNA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974. p. 79.
- xxi NAPOLEÃO, *op. cit.*, 1907, p. 157.

- xxii *Ibid.*, p. 3.
- xxiii *Revista Musical e de Bellas Artes*, artigo: *Torneio de Xadrez*, 17 de janeiro de 1880. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
- xxiv NAPOLEÃO, op. cit., 1907, p. 218.
- xxv xxv *Revista Brasileira*. Fase VII. Abril-Maio-Junho, nº 55, Ano XIV, 2008, artigo: *Machado de Assis, o enxadrista*, de autoria de C. S. Soares, pp. 135-152.
- xxvi *Coleção Afrânio Peixoto. Academia Brasileira de Letras. Correspondência de Machado de Assis : tomo II, 1870-1889 /coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet ; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério.*– Rio de Janeiro : ABL, 2009, [171], p. 168. O bilhete não apresenta qualquer indicação de data. Entretanto, o texto referencial cita que o texto está redigido num papel com monograma ANLS (*Arthur Napoleão Livia Santos*), possivelmente impresso durante a primeira viagem do casal a Europa, entre 1873 e 1876.
- xxvii NAPOLEÃO, Arthur. *Caissana Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio de Rodriguez & C., 1898.
- xxviii *Revista Brasileira*. Fase VII. Abril-Maio-Junho, nº 55, Ano XIV, 2008, artigo: *Machado de Assis, o enxadrista*, de autoria de C. S. Soares, pp. 135-152.
- xxix NAPOLEÃO, Arthur. *Caissana Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio de Rodriguez & C., 1898.
- xxx *Gazeta de Notícias*, 29 de junho de 1888. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)
- xxxi SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*. São Paulo.: Companhia das Letras, 2003, p. 28.
- xxxii SARTRE, Jean-Paul. *Situations II*. 7. Paris: Ed. Gallimard, 1948, p. 13.